Ivo Martins, ORGANIZADOR DO GUIMARÃES JAZZ

O COOL DE UM HOMEM TRANQUILO

Natália Faria (Texto)
Alfredo Cunha (Fotos)

IVO MARTINS É A "ALMA" DO GUIMARÃES JAZZ. O SEU MUNDO TRADUZ-SE EM POUCAS PALAVRAS: MÚSICA, LIVROS E OBRAS DE ARTE. INSTRUMENTOS PERFEITOS PARA EXORCIZAR OS FANTASMAS E EXTERIORIZAR AS MÁGOAS E AS ALEGRIAS DE QUEM ESCOLHEU VIVER AFOGADO NO DENSO UNIVERSO DO JAZZ. SEM RÓTULOS, POR FAVOR, QUE A VERDADE DOS SENTIMENTOS NÃO TEM NOME E DISPENSA ETIQUETAS.

Ivo Martins veste de preto, tem alguns cabelos brancos nas têmporas e expressões mais vincadas do que quando, há cerca de quatro anos, começou a organizar o Guimarães Jazz. O tom grave da voz raramente passou a agudo, durante o tempo que durou a entrevista, durante a qual resistiu sempre aos avanços do ameaçadores do gravador que procurava invadir-lhe a alma. Como se isso fosse possível...

A conversa decorre ao início da tarde, ao ritmo imposto pelos acordes de Bill Carrothers vomitados pelas colunas grandes de madeira, datadas do início da década de setenta. "Têm uns baixos do caneco por causa do cartão prensado e isso é muito importante para o jazz. O mal da generalidade dos aparelhos é que diminuem muito o leque entre os agudos, os médios e os graves", diz Ivo Martins, deixando por momentos o sofá, perto do qual aquilo que parece ser uma borboleta pintada em vários tons de azul pela mão de Sofia Areal se encarrega de quebrar a monotonia da parede. A autoridade com que fala é, sem tirar nem pôr, a que se lhe reconhece e que foi granjeada ao longo de uma vida inteirinha a ouvir música. "Lembro-me de aos 5 anos ouvir música e, anos mais tarde, lembrar-me do tema que ouvi ao ver, por exemplo, o "Luzes da Ribalta", do Chaplin". Se calhar porque ouvir música é um acto solitário

(não se pode ouvir música a quatro ouvidos", diz ele), Ivo Martins nunca foi homem para se andar a mostrar na "coisa" pública e muito menos para se colocar no centro dos holofotes em cima de um qualquer palco. A timidez e a circunspecção são traços do seu carácter desenhados a tinta grossa, donde se depreende, com o risco de estarmos a ser abusivos, que a sua capacidade de se dizer perante os outros se esgotou nos arroubos típicos da adolescência que o levaram, aos 14 anos, a tocar bateria num grupo musical "Síntese", à data bem conhecido pelas bandas de Santo Tirso, onde ainda reside.

Apesar de se ter formado em Direito, na Universidade de Coimbra, acabou a trabalhar como administrador de um hospital em Valongo. O emprego dá-lhe a folga financeira necessária para investir naquilo que lhe dá realmente prazer: livros, música e obras de arte. O resultado é uma casa onde as paredes são inevitavelmente forradas com livros, discos CDs e outros objectos de arte. Se a este cenário somarmos o facto de Ivo Martins considerar as palavras "um instrumento demasiado pobre para traduzir o que vai no pensamento", percebe-se que a forma mais completa de reconstituir a sua vida seria talvez percorrer com os dedos as lombadas dos livros e dos discos que acumulou durante anos a fio.

Comedido, Ivo Martins não fuma, nem bebe e diz que isso faz parte da factura a pagar para poder fazer o que gosta, nomeadamente aos microfones das diferentes rádios locais por onde passou e onde apresentou sempre um programa com um nome "emprestado" pelo realizador Milos Forman: "O Baile dos Bombeiros". Para ouvi-lo basta sintonizar os 97.5 da Rádio Universitária de Braga, aos sábados entre as 21h00 e as 23h00.

Michael Gibbs, Ran Blake e Baldo Martinez são apenas alguns nomes da vasta sinfonia que deu a conhecer ao público e que constituem um vasto conjunto de mais de três mil CDs, dispostos nas diferentes prateleiras do armário de madeira desenhado para o efeito. Também por lá se encontram os nomes de Laurie Anderson, Tom Waits e David Sylvian.

E é muito do que vai ouvindo ao longo do ano que decide cada cartaz do Guimarães Jazz. Sempre com a devida antecedência, que o patriótico costume de andar a fazer as coisas em cima do joelho foi chão que já deu uvas. "Para o ano vamos ter Kahil El Zabur, Vandermark 5 e a Italian Instabile Orchestra", adianta, acrescentando que foram as apostas arrojadas em nomes arredados dos circuitos comerciais que fizeram a imagem de marca do Guimarães Jazz. E não foram poucas as vezes em que Ivo Martins teve que conduzir as suas perninhas até à porta dos interpretes para os convencer a tocar. "Fugimos sempre aos pacotes e às embalagens preparados pelas produtoras". Para que conste.